









# VERSOS

DE

PIETRO DE CASTELLANARE

~~~~~  
S. LUIZ.—Imp. por B. de Mattos, Typ. rua da Paz, 5 e 7.  
~~~~~

# VERSOS

DE

PIETRO DE CASTELLAMARE.

---

PRIMEIRA PARTE

(TRADUÇÕES.)

SEGUNDA PARTE

(ORIGINAES.)

TERCEIRA PARTE.

(HUMORISTICAS.)

---

S. LUIZ DO MARANHÃO.

---

1898





# PRIMEIRA PARTE.



(TRADUÇÕES.)



## A LUVA.

(SCHILLER.)

Na jaula uiva o leão, cançado de esperar:  
Chegou enfim o Rei, tomou o seu lugar:  
Chegaram os cortezãos. Espalham brilho e chammas.  
Do circo em deredor, gentis, formosas damas.  
Rolou ferreo portão, o Rei dera o signal.  
Na arena entra o leão com passo triumphal.  
Percorre-a com furor, detem-se. avança, pára.  
Eriça a juba alem, as fauces escancara.  
Por fim exasperado atira-se no chão.  
Encolhe e estende os nervos. O Rei levanta a mão.  
Repete-se o signal, investe do outro lado  
Com salto mui veloz um tigre mosqueado.  
Encontram-se no circo os dous monstros cruéis:

O tigre estremecendo da cauda faz anneis,  
 Medonhos uivos dá, lançando olhos ardentes  
 E bate sem cessar os navalhados dentes . .  
 Por junto do leão passou, torna a passar!  
 Novo signal do Rei, e sahe fogoso par  
 De ferros leopardos, que em torno corre e gira . . .  
 O tigre sobre os dous carnívoro se atira.  
 Levanta-se rugindo e rapido o leão,  
 E todos frente à frente tomaram posição!  
 A arena está revólta, o echo alem rebrama,  
 N'aquelle instante cahe a luva de uma dama  
 Ao pé dos animaes. A linda Beatriz  
 Sorrindo e desdenhosa ao namorado diz:  
 «Crerei no vosso amor, illustre cavalheiro,  
 «Se fordes levantar a luva do terreiro.»  
 De chofre elle se ergueu, do circo em meio é já,  
 Caminha firme, o rosto nem desmaiado está . . .  
 Ajunta a luva ali, e sóbe emquanto dura  
 O pasmo dos que veem tão subita loucura!  
 Anceia a turba, o moço tornou-se unico alvo  
 Das vistas. Houve um grito ao verem que elle é salvo!  
 Vaidosa ao seu encontro lançou-se Beatriz,  
 Porém o cavalheiro a faz parar e diz:  
 —Stou pago do que fiz . . . de vós não quero nada . . .  
 Lançou-lhe a luva aos pés, depois desceu a escada,

## VARIAÇÕES EM BRANCO.

(T. GAUTIER.)

Contam legendas do Norte,  
Que lá nas agoas do Rheno  
Mulheres-cysnes se banham  
Curvo o collo, o ar sereno.

Que apoz suspendem nas arvores  
A encantada plumagem,  
Retomando a branca pelle  
Mais nivea qu'essa roupágem.

Entre nós eu vejo, ás vezes.

Uma dessas feiticeiras,  
Clara como a luz da lua  
Reflectida nas geleiras!

Seduzindo olhares ebrios  
Pela magica frescura  
Da carne tenra e macia,  
Da deslumbrante brancura!

Seus seios, globos de gelo,  
Da cassa por entre as malhas,  
Junto ás camelias nevadas  
Travam justas e batalhas!

Flor e setim são vencidos  
Por esses pomos tão bellos:  
As alvas roupas, os lyrios  
Lividos ficam de zelos!

Um phantastico reflexo  
Inunda, cobre o seu collo,  
Qual alvacenta geada  
De noite branca do polo!

De que neve virgem e pura.  
De que hostia, de que cera  
É feito o branco da pelle  
D'essa mulher feiticeira?

Acaso da gotta lactea  
Que do céu o azul esmalta?  
Da argentea polpa do lyrio?  
Da onda do mar de prata?

Do marmor de que são feitos  
Primores de estatuaria?  
Da opala que reverbera  
Uma luz tão clara e vária?

Do marfim, que faz as teclas  
Sobr'as quaes suas mãos percorrem,  
Mariposas onde as notas  
Suspendem beijos e morrem?

Do arminho immaculado,  
Que resguarda e dá abrigo  
Ao talhe da deusa linda,  
Á Venus do culto antigo?

Das fantasticas ramagens  
Que fazem leves neblinas?  
Dos arabescos da espuma,  
Lagrimas frias de ondinas?

Do alabastro qu'apresenta  
A côr da melancolia?  
Da assucena que a geada  
Vergou na matta sombria?

Da pennugem de alvo pombo  
Que no ar voa e fulgura?  
Dos flocos que o crystal deixa  
Em gruta de pedra escura?

É idolo da Dinamarca,  
Lá d'esses gelos eternos?  
É a Madona das neves,  
Branca esphinge dos invernos?

Anjo coberto de brumas,  
Guarda dos montes nevados,  
Que traz occulto no seio  
Branços segredos gelados?



No coração, que é tão calmo,  
Quem fundisse a neve dura...  
E visse um raio de fogo  
Nessa implacável brancura!...



## EU NÃO ERA NADA...

(SAINT-GERMAIN.)

Eu não era nada! Simples gotta de orvalho,  
Que a noute derramou na petala da flor;  
Mas quando o sol ergueu-se, as flores dando vida,  
Torrentes espargindo de luzes e fulgor,  
Então ficaram pallidas, perante a pobre gotta,  
A perola e a saphira, a opala e a esmeraldá...  
Mas, se não fosse o sol, tu sabes, minha amada,  
Eu não seria nada!

Eu não era nada! Pequeno insectosinho,  
Que algum caminho busca na relva do jardim,  
Mas inclinou-se a rosa um dia para o solo,

No calice oloroso, cedco guarida a mim!  
 N'um leito tão mimoso tomei mimosas côres.  
 De escura a minha pelle tornou-se azul-dourada.  
 Mas se não fosse a rosa, tu sabes, minha amada,  
 Eu não seria nada!

Eu não era nada! Brinquedo de creanças,  
 O globo de sabão que ao ar se eleva e cahe;  
 Um dia tu quizeste me erguer co'o sopro brando:  
 Subi, subi... ao ceo o lindo globo vae!...  
 Levava no meu seio teu halito celeste,  
 Deixei-o lá, qu'elle era essencia delicada,  
 Mas, se não fosse o anhelito, tu sabes, minha amada,  
 Eu não seria nada!

Eu não era nada! Salgueiro solitario,  
 Vivendo sobre um tumulo, por inflexivel lei,  
 Mas, quando a virgem hera por sobre a minha coma  
 Lançou seus lindos braços, cym ella me abracei!  
 Abraços tão ardentes trouxeram vida nova  
 Á arvore funerea, já triste e amarellada,  
 Mas, se não fôsse a hera, tu sabes, minha amada,  
 Eu não seria nada!

Eu não era nada! Uma alma em triste exilio,

Errante, desolada, gemendo na aflicção:  
Na borda do caminho caí, já moribundo,  
E tu me déste o braço, ergueste-me do chão!  
Por ti reanimado, sentindo um doce beijo,  
Vivi, e a minha lyra cantou mais afinada. . .  
Mas, se não fosse o beijo, tu sabes, minha amada,  
Eu não seria nada!



## DEVANEIO.

(SAINT-GERMAIN.)

Quando ella passava, mil abelhas  
Os labios delicados lhe beijavam,  
Do prado a messe, a rosa purpurina,  
De seus dedos o toque cubiçavam.  
Era tudo harmonia, amor, ternura,  
Sob seus pés a relva mal vergava,  
O regato a seguia genebundo,  
Quando ella passava♦

Quando ella cantava, a voz melódica  
Enchentes derramava de harmonia,  
Como um fio de prata ou flôrea chuva,

Tal o cantico doce parecia . . .  
 Por melhor escutal-a, junto aos labios  
 Conchegar-me bem perto eu desejava,  
 Aspirar-lhe o perfume, a poesia,  
 Quando ella cantava!

Quando ella chorava, que tristeza!  
 Era sombrio o ceo, a terra, tudo,  
 Sem brilho o sol, a rosa emmurhecida,  
 Sem amores a selva, o arroio mudo.  
 Tudo morrer queria, e com seu pranto  
 A primavera triste se mostrava,  
 A natureza inteira padecia  
 Quando ella chorava!

Quando ella dormia, dos salgueiros  
 As palmas lhe velavam o quieto somno,  
 E a grama mais viçosa e luzidia,  
 Era ufana em servir-lhe ali de throno!  
 Mansas brizas corriam, a dormideira  
 Doce essencia em seus olhos expremia;  
 O passarinho o canto não trinava  
 Quando ella dormia!

Quando ella dansava, aereas nymphas,



Tomando as vestimentas das pastoras,  
Confundidas com ella se enlaçavam,  
Em cadeias aereas, seductoras!  
Apezar de formosas serem todas,  
Jamais qual ella fosse eu duvidava,  
Que a cercava do ceo subtil aureola,  
Quando ella dansava!

Porém quando ella amava, a bella esquiva,  
Quando alguem para amar ella escolhia,  
No ceo tudo era festa e n'este mundo  
Lua doce de mel alguem fruía...  
Mas, ai, um beijo seo tinha veneno,  
Corpo e alma em tormentos sepultava...  
Mancenilha de amor, só dava a morte  
Áquelle qu'ella amava!



## O CRÚCIFIXO.

(LAMARTINE.)

Ó tu, que de seus labios expirantes,  
Recolhi com o alento e extremo adeus,  
Symbolo santo duas vezes: don de um anjo,  
Imagem de meu Deus!

Em teus pés quantas lágrimas eu verto,  
Desde que, de seu seio em aflicção,  
Inda morno do último suspiro,  
Passaste a minha mão!

O padre murmurava um triste canto,

Espalhavam os brandões funereo brilho,  
 E do levitã o canto semelhava,  
 Da mãe que embala o filho!

A esperança do Ceo, que cabe ao justo,  
 Brilhava do seu rosto na beldade,  
 N'elle a dor imprimira as graças suas,  
 A morte a magestadel

Co'os cabellos esparsos, vinha o vento,  
 Por momentos velar o rosto seu:  
 Assim sombreia a coma do cypreste  
 O branco mauzoleo!

Fóra da cama um braço pendurado,  
 Langue o outro no peito sem calor,  
 Parecia buscar, e dar aos labios,  
 A cruz do Redemptor!

A bocca se entreabrira para beijal-a,  
 Mas fugira-lhe a alma n'esse instantô;  
 Qual perfume subtil, que, entregue ás chammas,  
 Extingue-se fragrante!

Tudo agora é silencio n'esses labios!  
Calou-se o respirar d'aquelle seio!  
E dos olhos sem luz a frouxa palpebra  
Descae, feixa-se a meio!

Eu, trãnsido de dor, não me atrevia  
De perto á contemplar o corpo amado,  
Dir-se-hia que da morte a magestade  
O havia consagrado!

Mas o padre, entendendo o meu silencio,  
Tirou-lhe o crucifixo d'entre a mão,  
E disse: «eis o confôrto e a lembrança,  
«Guardae, guardae, irmão!»

Ai, sim, te guardarei, funebre herança!  
A árvore plantada em seu jasigo  
Sete vezes mudou já de folhagem,  
E tu inda és comigo!

Bem unido a meu peito tu prohibes  
Que o tempo á sua memória ponha fim!  
Gotta á gotta meu pranto amolleceu-te,  
Gravou-se no marfim!

Ó confidente extremo d'esta vida,  
 Fica sobre o meu peito, e diz clemente  
 Quanto disse sua voz, quando já debil-  
     Chegava a ti somente!

N'ess'hora em que os sentidos são gelados,  
 Nem busca o olhar as scenas mais queridas.  
 E, pouco a pouco, a alma vai fugindo,  
     Já surda ás despedidas!

Quando, incerta entre a vida e entre a morte,  
 Qual fructo, que do galho se desprende,  
 Para a tetrica noite do sepulcho  
     A alma o vôo'estende!

Afim de que o caminho se illumine,  
 Por onde sobem as almas dos felizes,  
 Consolador divino, ao moribundo,  
     Ai, diz o que tu dizes!

Şabes morrer; tuas lágrimas divinas  
 Correram n'essa noite de anciedade  
 Em que oraste no hortó de Oliveiras,  
     De manhã até a tarde!

Da cruz viste soffrer a Mãi Santissima,  
E a natura subir da dor ao cumulo;  
Deixaste, como nós, na terra, amigos,  
E o teu corpo no tumulo!

Por graça de tua morte, que eu consiga  
Sobre teu seio a vida desprender,  
Quando chegar minha hora, lembra a tua,  
Ensina-me a morrer!

Buscarei o lugar onde seus labios  
Collados murmuraram o ultimo adeus,  
E sua alma hade vir guiar a minha,  
Para o seio de Deus!

Ai! póssa, póssa então, junto à meu leito  
Vir alguém muito triste e consternado,  
Recolher de meus labios resequidos  
O funebre legado!

De tanto amor emblema, ó crucifixo!  
Na dor nos refrigera e fortifica;  
Sé penhor de esperança é de saudade  
Do que vai ao que fica!

Até o dia em que a voz altiva e forte  
Soar, vinda do céu, envolta em luz,  
Despertando os que dormem junto à sombra  
Da sempiterna Cruz!



## A CASA BRANCA.

(SAINT-GERMAIN.)

Ha uma casa branca junto ao bosque,  
Casa branca de verdes persianas,  
Nas grades da janella se emaranham,  
Misturadas com as rosas, as lianas.

Eu não pôsso louvar a architectura  
D'essa casa já velha e em ruina,  
Mas, no estado em que está, eu não a tróco  
Pela Santa-Capella ou a Sixtina!

Não é bella essa casa, hoje deserta,

Mas minha alma a povôa de lembranças;  
Ella foi testemunha de meus prantos  
E martyrios e doces esperanças.

Dê soffrer e amar compõe-se a vida:  
Do prazer já gozado ou que se goza;  
Quando o presente é triste, vae a mente  
No passado colher a flôr saudosa!

Inda creio que vejo a mão alvissima,  
Da janella as cortinas levantando,  
Atirar-me furtiva algumas flores,  
Que eu guardava de amor quasi chorando!

Quantas cousas diziam-me essas flores,  
No seu mudo fallar que eu entendia!  
Um adeus, ou perdão eu lia n'esta,  
Uma entrevista aquella promettia.

E depois! . . e depois no meu caminho,  
Muitas flores eu tenho contemplado,  
Que, com o falso do brilho e do perfume,  
Têm minha alma de dores torturado!

Voltei ao antigo azilo . . . era em ruínas,  
As flores trepadeiras e as lianas  
Encobriam o gradil da casa branca,  
Casa branca de verdes persianas!



## NAMOUNA.

(A. DE MUSSET.)

Fragmento.

O sofá em qu'Hassan estava deitado,  
Era couza<sup>4</sup> no genero formosa:  
Pelle de urso, de um urso delicado,  
Sedoso como o arminho, ou como a rosa.  
Hassan guardava um ar nobre e ousado,  
Estava nú como Eva não culposa.

Como nú! me dirão, que historia é essa?  
Começa o poema nú, como isto finda?

Perdão, Senhor, o conto meu começa  
 Quando o heróe sahe do banho, em pello ainda...  
 Concedam-lhe o perdão, feita a promessa  
 Repito:—estava nú, qual mão bem linda!

Nú qual prato, qual muro de uma igreja,  
 Como discurso vão da Academia...  
 A leitora não core, attenda e veja  
 Que, banida a nudez, ninguem diria  
 Que o seu collo e a sua perna fazem inveja,  
 Pois se affirma o que vê-se á luz do dia.

Embora allegue o instante qu'entra em sege,  
 Que passa a ponte em dia de rajada,  
 Que a perna e o pé a roupa mal protege,  
 E que explica de mais um pé de fada...  
 Quanto a mim imagino que se almeje,  
 Que o resto diga o amante, occulte nada.

Onde o crime de estarmos á vontade,  
 Quando o calor referve e está damninho?  
 Acredite a leitora que, em verdade,  
 Estar na cama nú é um gostinho...  
 Se fôsses minha ô viras... ó deidade!  
 Gritarias um pouco, mas baixinho...

O que prezamos nós no ente querido?  
 Broche de ouro, pulseiras, brincos, pente?  
 Serão sedas, bõrdados do vestido?  
 Não, o que se ama em vós sois vós somente.  
 Os enfeites são armas, praz à gente  
 Tomar armas depois de ter vencido.

Tudo é nú a não ser a hypocrisia,  
 Assim no immenso Ceo, na terra immensa;  
 A infancia, a divindade, a louza fria,  
 As almas que de Deus gozam a prezença,  
 E, portanto, o heroe d'esta poesia  
 Continúa a estar nú, se dão licença.

Reina silencio: a nayade peneira  
 Gottas finas, que vão escorregando  
 Sobre a pelle do moço, em quanto brando  
 É o ruido da agõa na banheira,  
 A sahir fugitiva, se escoando  
 Ao som da cantilena da torneira.

Já o sol se deitara no poente,  
 Era em setembro, um mez aqui bem feio,  
 Mas bellissimo em terras do Oriente.  
 Hassan feixou com o pé a porta á meio.

E, fumando opio e aromas, feliz ente!  
O somno convidava sem receio!

Bem que fôsse de talhe sem grandeza,  
Era homem valente e mui bem feito;  
O semblante adornado de belleza,  
Indicava o valor d'aquelle peito.  
Procurando fazel-o mais perfeito,  
A mãe, como que o fez com vagaresa.

Era muito indolente, mas teimoso,  
Delicado, macio, a pelle fina,  
Barba escura e gentil, mãos de menina,  
Nobre aspecto viril, gesto nervoso.  
Seus olhos tinham luz quazi divina,  
E os cabellos . . . eu fico silencioso.

Na Tartaria dispensam tal uzança,  
Elle a moda adoptou sendo estrangeiro,  
Pois que tinha por patria a bella França.  
Hoje rico, hontem rude aventureiro,  
Renegou do passado, e ao mar ligeiro,  
Lançou familia e patria, unica herança.

Elle era folgazão — mas de venetas,



Mão visinho —, excellente camarada,  
 Muito fútil —, dizendo couzas certas,  
 Alma ingenua —, porém muito estragada,  
 Sincero horrivelmente —, mas em tretas  
 Amestrado. . . Recordam a serenada

Que canta Don Juan sob a janella?  
 —Que canção tão travada de tristeza  
 Melancolica e terna que é aquella!—  
 Mas, ao canto acompanha com extranheza  
 A guitarra, n'um tom, n'uma presteza  
 Que parece zombar da canção bella!

A letra acaricia o instrumento,  
 Que perfido maltrata a langue trova,  
 Como que faz rediculo o juramento  
 Zombando dos affectos que elle prova! . .  
 Agrada essa aria assim. É couza nova  
 O amar e trahir n'um só momento?

Chôra-se rindo— ás vezes o culpado  
 É a um tempo innocente;—a alma perjura  
 Póde sincera ser — e o braço armado  
 Não é tyranno sempre.—A creatura  
 É do bem e do mal uma mistura,

E Hassan como os mais era formado.

Na força da expressão era um bom moço:  
 Muito bom, muito moço, era excelente;  
 Mas, querendo uma couza, era insistente,  
 Far-se-hia tão duro como osso!  
 Variava de gostos com alvoroço,  
 Era o oceano mudado em continente!

Sendo muito volúvel, quem diria  
 Que odiasse o imprevisto na sua vida!  
 Uma mosca no chão não pizaria,  
 Mas, se achasse-a no copo ou na comida,  
 Levava á páu a sucia que o servia!  
 Boa ou má era esta alma assim fundida?

Depois d'isto me cantem a ladainha,  
 Que a alma humana nos sirva de modello;  
 Que estudemos o homem ao descrevel-o! . . .  
 A alma humana de quem? A da vizinha?  
 Mas essa tem um molde menos bello  
 Que o molde onde vazaram-te, alma minha!

A vida é feita assim; esta que eu passo,

Inda endiabrada, é vida, eu o attesto . . .  
 Dizem què eu me retrato traço á traço  
 N'este heroe; eu affirmo que isso é falso.  
 Tomo o nariz aqui, ali um gesto,  
 D'este a barba, de outro eu tomo o resto!

«Então creaes um monstro, uma chimera,  
 Fazeis filho sem pae» . . . A graça é fina!  
 Quem diz isto, meo Deus, não considera  
 Nesta obra tão minha e tão divina! . . .  
 E, *est pater quem nuptiv* . . . Não quizera  
 Vir agora falar lingua latina!

.....



## DOMINGO DE MANHÃ.

(H. MURGER.)

Disse o Sabbado ao Domingo:  
«Amigo, rende-me a guarda,  
«Já meia noite não tarda,  
«Est' hora pertence a ti...  
«Estou cansado do trabalho,  
«O somno bole comigo,  
«Toma o lugar, meu amigo»...  
Disse o Domingo:—Eis-me aqui!

E despertou bocejando;  
Viu as estrellas fulgindo;  
Bocejou já se vestindo,

Esfregou olhos com a mão;  
 Finalmente preparado,  
 Foi risonho e com doçuras  
 Despertar lá nas alturas  
 O sol, que dormia então:

«D'essa alcova do oriente  
 «Surge, ó grande preguiçoso!  
 «Já busca a lua o repouzo  
 «Feixando os olhos nos ceos;  
 «No bosque para saudar-te  
 «A calhandra alem se apresta;  
 «Vem, que o dia hoje é de festa,  
 «Traz os lindos raios teus!

Chegou ao monte o Domingo,  
 D'ali os olhos vagueia;  
 Vê dôrmindo toda a aldeia:  
 «Não despertemol-a», diz...  
 E caminha docemente,  
 Com cautella, sem abalo:  
 «Não cantes — murmura ao galo —  
 «Deixa-os dormir como eu fiz!»

Do labor todos repouçam;

Qu'este dia é de descanso;  
O sol caminha de manso  
Para mais tarde chegar . . .  
E se, alem da madrugada,  
Inda alguem se apraz n'um sonho,  
O dia, que o vê risonho,  
Deixa-lhe o sonho acabar!

Mas emfim, eis o Domingo,  
Domingo de primavera!  
Na flor a luz reverbera,  
Ceo e mar é tudo azul!  
Fala a violeta com a rosa  
Uma linguagem diversa,  
E o forte cedro conversa  
Com o caniço do paul!

Junto ao ninho bate as azas  
Linda pomba, que acordára,  
E, vendo que o dia aclara,  
Dá *bom-dia* ao sol que vem;  
E mil outras companheiras,  
Outros alados cantores,  
Girando por entre as flores,  
Ali descantam tambem!

Traz o Domingo comsigo  
 À todos novo deleite,  
 Para a donzella um enfeite,  
 Muito rir, muito folgar!  
 Quantos brincos e folguedos!  
 Quantas garrafas vazias!  
 Que folgazans symphonias!  
 Quanto correr e bailar!

Como tudo está tranquillo  
 Ou na aldeia ou no caminho!  
 Não volve a roda o moinho,  
 A bigorna muda está!  
 Os bois ruminam contentes,  
 Livres do jugo pezado,  
 E a charrua no eirado ..  
 Repouza, encostada lá. . .

Todos folgam satisfeitos,  
 Que conversas n'este dia!  
 —Como vai teu pai, Maria?  
 —E o teu filhinho, Manoel?  
 —Bella estação, meu visinho!  
 —A colheita hade ser boa!  
 Não trabalha outra pessoa,  
 A não ser o menestrel!



## ENTRE AS ARVORES...

(SAINT-GERMAIN.)

Ha palavras que são magicas senhas,  
Que recordam um passado mysterioso,  
Quando escuto-as, eu sinto que se exaltam  
As lembranças de um tempo mais ditoso!

Ha dias que ninguém <sup>i</sup> jamais esquece,  
Dias cheios de luz, de aroma e vida,  
Que debalde se busca um semelhante,  
Quando corre a existencia dolorida.

Ha lugares por onde eu nunca passo

Sem suppor que ali vejo o meu passado,  
Onde busco uma imagem, que me fuge  
Como a sombra impalpavel á meu lado!

Ha cantares, que sendo modulados  
Vão despertar um echo adormecido,  
E parece-me ouvir um som longinquo,  
Cuja voz lembra um anjo bem querido!

Era uma tarde. Eu fui com ella ao bosque,  
Perfumada corria a primavera;  
Ai, entre aquella sombra do arvoredo  
Outra tarde como essa quem me dêra!

As florinhas mais frescas e cheirosas  
Não lutavam com ella em mimo e graça,  
Se inclinavam á seu lado murmurando  
Em voz baixa e contente: eil-a que passa !

Repousemos aqui, disse ella entrando  
Em singella casinha, porém franca;  
Offertou-me com a mão pura e nevada  
Branco leite e a mão era mais branca!

Tão formosa com o seu chapéu de palha,  
Com a loura madeixa solta, á tôa!  
E com o talhe flexível, dobradiço  
Como o debil caniço da lagôa!

Que banquete divino n'um só prato!  
O pão e o leite um nectar parecia!  
Tão velozes passaram esses instantes,  
Que trememos ao dar de Ave-Maria!

Sereno estava o céu quando sahimos  
D'esse rustico alvergue hospitaleiro,  
Azilo onde gozamos enlevados  
Um prazer innocente e verdadeiro!

Em silencio voltamos lentamente,  
Querêndo demorar a despedida;  
«Ai que tempo veloz! ambos dissemos,  
«Que passeio! que bosque! que guarida!

Feliz tarde! passaste como um sonho,  
Dêra a vida por ter-te novamente!  
Só sei, desde esse dia, qu'inda vivo  
Porque trago esse dia em minha mente!

Vejo agora meu céu anuveado,  
O coração no peito trago morto!  
Mas, se memoro a scena do arvoredo,  
Elle palpita e eu sinto algum conforto!

Que ha palavras que são magicas senhas,  
Que recordam um passado mysterioso,  
Quando alguém as profere, em sobresalto  
Procura a mente á um tempo mais ditoso!

## O DESPERTAR.

(A. DE MUSSET.)

Desperta, ó minha bella,  
Que, embaixo da janella,  
Do teu ginete as vozes  
Estrugem, quaes trovões!  
Dos lestos picadores,  
Nas mangas de mil cores,  
Apoiam os pés ligeiros  
Os rapidos falcões!

São promptos os teus pagens.  
Que bellas equipagens!  
As plumas dos sombreiros  
Fluctuam tão gentis!

Conduzem as haquenéas  
A dextra, pelas redeas,  
E trazem em punho e cinta  
Venablos e fuzis!

No prado pula e brilha  
Veloz, leve matilha;  
São galgos que farejam  
A fera no covil!  
Desperta, minha amada,  
Te espera o teu ginete;  
Serena a madrugada  
Raiou no ceo de anil!

Agora que te vestes,  
Que linda te preparas,  
Esconde as pomas raras,  
Teus seios de marfim . . .  
E deixa os olhos cúpidos,  
Em meio dos adornos,  
Advinhar as fórmãs,  
Os tumidos contornos,  
Nas pregas do setim!

Compõe o teu toucado,

Arranja esses cabellos,  
Em fulgidos novellos,  
Em flacidos bandós,  
Mas eré, que o lindo ornato,  
Não os torna mais brilhantes,  
Do que quando os desato  
Assim que estamos sós!

Esconde os teus encantos,  
Nas dobras da mantilha,  
Os teus primores tantos,  
Que fazem delirar!  
Vem! deixa que eu te eleve  
Bem como uma creança,  
E no selim, de leve,  
Eu vá te collocar!





# SEGUNDA PARTE.



(ORIGINALÆS.)



A

Sans dire le nom qu'il faut tenir et taire.

(SAINTE-BEUVE.)

I

Não foi de balde que te deu o Eterno  
Rosto de santa que merece altares,  
O riso doce, feiticeiro e terno,  
Scentelha ardente nos gentis olhares!

Não foi de balde, que esquecendo a norma,  
Modellos lindos da terrena imagem,  
Elle esmerou-se te doando a fórma  
De um ser ethereo, divinal miragem!

Se a mão do Eterno deu-te mil primores,  
Irmã dos anjos nos prodígios tantos,  
Deu-te dos anjos a missão de amores,  
E o dom sublime de enxugar os prantos!

Não contraries a missão divina  
Preceito santo que do ceo te veio:  
À lei suave que o amor ensina  
Abre amorosa o delicado seio!

Ai, não resistas á vontade santa!  
Quebra esse encanto, que te faz esquiva,  
Minha alma é fonte de ternura tanta,  
Ella suspira a teus pés captiva!

Eu duvidára qu'insensivel fosse  
Teu peito izento, que nem bate até. . . .  
Se tu soubesses como ainoz é doce,  
Se tu soubesses meu amor como é!

II

Quando, pendida a fronte, tu meditas,  
Áfastada dos mais, em noute alta,  
Não escutas a voz da consciencia  
Segredar-te que eu te amo e que és ingrata?

Quando encontras meus olhos supplicantes  
Na demanda dos teus tão distrahidos,  
Tu não ouves queixosa a mesma phrase  
Sussurrando passar por teus ouvidos?

Quando busco fallar-te e perturbado  
Balbuício palavras com receio,

Teu coração acaso não explica  
A razão do meu susto, d'esse enleio?

Quando, lendo meus versos amorosos,  
Tu vês que só de ti, minha alma trata,  
Qual um echo interior tu não escutas  
Cada estancia dizer: como és ingrata?

Nem o canto de amor todo doçura,  
Nem a triste mudez do abatimento,  
Nem a supplica triste proferida  
N'um abafado e languido lamento...

Nada escutas, eu sei, e essa certeza  
É que faz esta dôr, esta agonia! . . . .  
Ai, porque foi minha alma apaixonar-se,  
Enlouquecer por ti, estatua fria!

Não foi essa lindeza que matou-me,  
Mas do rosto a sombria pallidez . . . .  
Ai, tu me envenenaste com a tristeza,  
E dos olhos com a doce morbidez !

Que poema sublime e intraduzível  
No melancólico olhar, no gesto brando !  
No vaporoso talhe delicado  
E que a brisa co'o sopro está quebrando !

Vi-te em meio das festas, indifferente  
Ao bulício das salas, ao prazer,

Como a nota sentida e súspiroza  
Que perpassa entre risos à gemer!

Que candidez eburnea no semblante!  
Nos labios como o riso é duvidoso!  
E dos olhos pisados e luzentes  
Cada langue volver, como é queixoso!

Tenho medo de ver-te assim tão debil,  
Tão aerea, tão cheia de langor!  
Me parece que vaes deixando a terra  
Attrahida á mansão do Creador!

Ai, não fujas da terra, que tu podes  
Salvar uma alma aqui, visão divina!  
Por momentos esquece a patria angelica,  
Fita os olhos no chão, ó peregrina!

Resgata um coração aniquilado  
Pela furia da sorte, pela dôr!  
De teus labios destilla o doce balsamo,  
Anjo, que podes ser um redemptor!



IX

Tu hontem, com voz magica,  
Disseste-me que leste  
As minhas trovas timidas,  
Sem arte nem primor;  
E o rosto, que é tão pallido,  
De limpidez celeste,  
Tomou a cor purpurea,  
Tingiu-se de rubor!

Meus versos leste! Ó jubilo,  
Idéa grata e cara!  
Passaram por teus labios  
As falas que eu senti!

O mesmo amor e extaze,  
Que a lyra decantára,  
A mesma ancia e delirio  
Passou inteiro em ti!

De que sublime aureolã  
Meu livro foi cercado!  
Que brilho em suas paginas,  
Que transfiguração!  
Dos olhos teus tão languidos  
Sentindo o doce olhado,  
E sob o foco esplendido  
De meiga irradiação!

Mudou-se subitaneo  
O meu carne singello,  
E o verso desharmonico  
Ficou meigo trovar!  
Poema lindo e altissimo  
Do mais brilhante sello  
Tornou-se o rude cantico  
Á luz do teu olhar!

Podesse cada estancia,  
/ Por ti embalsamada

Com o perfumoso halito,  
Com o sopro seductor,  
Dizer-te o meu martyrio,  
E como és adorada,  
E tu, n'um lance angelico,  
Pagar amor com amor!

Ó livro meu, anima-te,  
Por mim supplica e pede!  
Repete os meus delirios  
E serve-me de voz. . . .  
Já que cruel desanimo  
O meu falar impede,  
Lhe narra as confidencias,  
Que eu faço muito a sós! . . . .



Assim é que passam as fadas marinhas,  
Em noutes douradas por frouxo luar;  
Do leve barquinho sentadas na pôpa,  
Assim é que passam as fadas do mar!

A onda soluça queixumes de amante,  
A brisa murmura mysterios de amor,  
E o anjo das agoas, na scisma embebido,  
Deslisa de leve das agoas na flor!

Assim é que ouve-se em mares remotos,  
A voz encantada de doce sereia,

Fazendo quedar da vaga o marulho,  
Falando tão meiga que as almas enleia!

As plagas de em torno repetem enlevadas  
Os echos sonoros da limpida voz;  
E tudo enlanguece ao son d'esse encanto,  
Tão languido agora, mais languido após!

Assim é que vê-se fulgir na corrente,  
Vibrando uma luz, que a todos fascina,  
Os olhos quebrados, a face diaphana,  
O riso formoso de candida ondina!

No céu as estrellas desmaiam de zelos,  
Minoram de brilho, se apagam uma á uma....  
E a linda vizão nas agoas resplende,  
Fagulha luzente nas ondas de espuma!

Assim é que eu vi-te, não sei se sonhando.  
Não sei se acordado, em fundo seismar:  
N'um leve barquinho, commigo a teu lado,  
Em noute formosa, vogando no mar!

Se a voz do meu amor é tão confuza,  
Que a não sabes ouvir, formosa minha:  
Se tu achas escuro quanto eu digo,  
Suppre as minhas palavras e advinha . . . .

Eu julgava eloquente em demasia  
Esta funda paixão que me devora,  
E que os olhos revelam de continuo,  
Que tão clara se mostra em cada hora! . . .

Pensava que de sobra já soubesses  
O dominio que tens na minha vida:

Que o ségredo de amor, guardado na alma,  
Houvesses lido já, minha querida!

É preciso, porém, que eu diga tudo,  
Que me roje á teus pés allucinado?  
Pois os anjos do céu não ouvem preces  
Encerradas n'um peito atribulado?

Advinha o que dizem meus olhares,  
Dá traducção á dubia reticencia,  
E comprehende estas phrazes mal expressas,  
Phrazes quazi geradas na demencia!

Advinha e darás no mesmo instante  
Doce orvalho de amor á sorte minha;  
É tão facil a um anjo lér nas almas,  
Anjo, lê na minha alma ou advinha!



VII

Dentro do peito meu existe um templo,  
Que eu consagrei á Deusa dos rigores:  
Quanto mais me castiga o nume irado  
Mais capricha minha alma em dar-lhe amores!

Tão formoso e celeste o idolo amado!  
Mas—contraste cruel! —tão impiedoso!  
Tem o seio tão lindo como ingrato,  
Tão inclemente elle é como formoso!

Branca como do lyrio a argentea petala,  
Dos lyrios divinaes tem o perfume!

Vivos os olhos seus como o diamante:  
Tal a imagem gentil do injusto nume!

É destino infeliz, mas não desisto  
Da minha adoração, do meu delírio! . . .  
Falte-me embora o extase do goso,  
A embriaguez me resta do martyrio!

Embora adorem outros fervorosos  
Um Deus todo de amor e de bondade;  
Dentro do peito meu sagrei um templo  
Á mais cruel e injusta Divindade!

Eia, nume fatal, não te apiades!  
Dá maior expansão ao teu rigor!  
Se consegues dobrar de feridade,  
Não consegues vencer o meu amor!

VIII

A luz dos olhos teus é tão suave,  
Illumina, minha alma com tal brilho,  
Que, em te' vendo, me esqueço d'este mundo,  
E procuro do céo o doce trilho!

Esses olhos não têm rivaes na terra!  
A linguagem que falas é tão celeste,  
Que o mortal a quem fitas um momento  
Fica louço, pois louco me fizeste!

Me ficasse a razão n'esses instantes  
Em que vejo-te assim tão feitiçeira,

Que eu havia dizer-te o mal que fazes,  
Que te havia de abrir minha alma inteira!

Mas, perante a lindeza d'esses olhos,  
De tão meigo volver, magico e languê,  
Sinto que se transtorna a minha mente,  
Que nas veias me corre em fogo o sangue!

É possível que seja incomprehensivel  
A mudez eloquente d'este affecto?  
Que teus olhos que sabem dizer tanto  
Não lêssem o sentimento meu secreto?

Eu só peço ao Senhor, que n'esses olhos  
Denuncies, ao menos uma vez,  
Que uma restea de fogo se ateara  
De teu seio na candida friez!

Parece que te apraz o meu martyrio,  
Que alimenta teu riso o meu tormento!  
Pois não podes me dar um gesto meigo,  
Inda mesmo de puro fingimento?

Em teus olhos prenda minha alegria.  
N'elles minha ventura resumiste;  
Ai, crueis que elles são! me evitam sempre,  
Exp'rimentam prazer quando eu estou triste!

Buscas só torturar-me, e dilaceras  
Um coração que é teu, sem vida quaze....

Quando fácil te fôra dar-lhe alento,  
Pelo poder sublime de uma phrase! . . .

Nem ao menos um gesto compassivo,  
Em paga d'este amor ardente e louco!  
Tão profunda paixão não te commove?  
Este supplicio meu inda achas pouco?

Sempre a mesma frieza no semblante!  
Sempre o mesmo desdém duro e cruel!  
Parece que te apraz o meu martyrio,  
Que alimenta teu riso o meu tormento!

x

Cicatrizar tu queres a ferida-  
Tão profunda, que abriste-me no peito?  
Queres dar lenitivo ao meu tormento,  
Ao mal que me tens feito?

Esta febre de amor que me devora  
Pode-a somente um balsamo sarar!  
Se com os olhos feriste, dá remedio  
Tambem com outro olhar!

O incendio voraz que tão intenso  
Em minha alma referve, abrasa e lava,

Com tuas falas nasceu, pôde acalmal-o  
Tambem uma palavra!

Trazes contigo o antidoto que cura  
O veneno que dás embriagador;  
E, se eu soffro de amor, o meu remedio  
Seja tambem de amor! . . . .

Feiticeira, que assim me enfeitiçaste,  
Se não queres que eu chame isto um castigo,  
Prova tambem do philtro que me offertas.  
Te envenena comigo!



XI

Já vejo que és de marmore,  
Não tens sangue nas veias!  
Primor de estatuaria  
Sem alma e coração!  
Pagar não sabes prodiga  
O vivo amor que ateias,  
És impassível idolo,  
Extranho à compaixão!

São vivos, são angelicos  
Teus olhos seductores,  
E tens nos lindos labios  
A mais doce expressão;

XI

Já vejo que és de marmore,  
Não tens sangue nas veias!  
Primor de estatuaria  
Sem alma e coração!  
Pagar não sabes prodiga  
O vivo amor que atelas,  
És impassível idolo,  
Extranho á compaixão!

São vivos, são angelicos  
Teus olhos seductores,  
E tens nos lindos labios  
A mais doce expressão;

Cofre de graças fulgidas  
Tu és c'o esses primores,  
Mas; ai! não tens a visc'era  
Chamada — coração!

Tu és formosa estatua  
De molde o mais perfeito!  
Mas eu esses prodigios  
Trocára, com razão,  
Por um ligeiro fremito  
No teu gelado peito,  
Ou por qualquer denuncia  
De teres coração!

Busquei ardente e soffrego  
Os magicos caminhos, •  
Que fossem ter ao intimo  
Do peito teu . . . em vão!  
Não ha um só! Inhospito  
Deserto só de espinhos,  
Eu encontrei, e um vacuo  
Em vez de coração!

Julguei um tabernaculo  
O delicado seo,



O peito meu fraqueia!  
É grande o meu martyrio,  
E funda esta paixão!  
Pois vejo que és de marmore,  
Não tens sangue nas veias;  
Primor de estatuaria,  
Te falta o coração!

XII

Quando no ceo tu foste estrella d'alva,  
De desmaiado brilho e formosura,  
Qual o astro que amou-te como te amo,  
Minha estrella humanada, e sempre pura?

Quando foste no eterno Paraizo  
Branca rosa do edenico rosal,  
Qual o silpho encantado que adorou-te,  
Como te adoro eu, simples mortal?

Quando lá no concerto dos archanjos,  
Tu foste nota mystica e divina,

Qual a briza celeste que imitou-me  
N'esta funda paixão, linda menina?

Rosa, estrella e harmonia—, a mão do Eterno  
Vos converteu n'um mixto seductor!  
Tambem tem luz, aroma e melodia  
O delirio febril do meu amor!

Deixa, deixa que eu te ame! Na minha alma  
Ha um thesouro immenso de ternura! . . . .  
É tão divina a chamma que me abraza,  
Como é divina a tua formosura!

Anjo, que eu idolatro, se lamentas  
A celeste mansão, que existe alem,  
Meu coração, que te abre as portas suas,  
É tambem paraizo, é céu tambem!

XIII

Peço uma gotta de rosa,  
Outra gotta de absintho;  
Um traço de côr vistosa,  
Outro de preto retincto;

Da aurora doce lampejo,  
Da noute funerea treva;  
Doce harmonia de um beijo,  
Som de um ai, que o vento leva;

A maciez do velludo,  
Agudo espinho traidor....  
—E o que fôrmas d'isso tudo?  
—O que formo? O teu amor....





XIV

A nota triste e aëria,  
Que geme nos palmares,  
A briza melancolica  
Em rapido passar,  
Revela no murmurio,  
Às vezes mil pezares,  
Às vezes lembra um cantico  
Que a dôr sabe arrancar...

Alem se escuta o fremito,  
Na solitaria plaga,  
Do mar que chega tremulo.  
Queixoso, em languidez:

E vae morrer longinqua  
A gemebunda vaga,  
E toda aquella muzica  
Em pranto se desfez. . . .

Nas horas do crepusculo,  
Do passarinho o canto,  
Que vem da selva umbrifera  
Aonde canta a sós,  
Contém tanto mysterio,  
Nos entristece tanto,  
Que cauza agro martyrio  
Ouvir aquella voz!

Porem, quem diz — silencio —  
Ao mar, ao rio, ao vento,  
E aos carmes exptaneos  
Ordena-lhes dé fim?  
Ninguem o diz. . . . Ao mizero  
Permitte-se o lamento,  
Porque profundas magoas  
Se abrandam um pouco assim. . .

A queixa desharmonica  
De minha pobre lyra

É importuna, incommoda,  
Não queres mais ouvir. . . .  
Ai, estes tristes canticos,  
Que a minha dôr inspira,  
Do peito bem no intimo  
Eu devo retrahir!

Não mais os meus delirios  
Te cauzarão desgosto;  
O mais ligeiro anhelito  
Sequer heide soltar. . . .  
Eu cerrarei meus lábios,  
E prenderei no rosto  
A mentirosa mascara  
De quem não sabe amar!

Mas antes do silencio  
A qu'estou condemnado,  
Do meu amor indomito  
Recebe os ternos ais!  
Modera o duro escrupulo,  
Anjo cruel e irado,  
É esta a canção ultima,  
E nada. . . . nada mais!



Eis-me curvo a teus pés! Minha rudeza  
Não deixou-me entender tua alma boa...  
Disseste uma palavra e transformei-me.  
Minha insania desculpa e me perdoa!

Foi somente uma phrase, uma somente!  
Mas, que tropel de ideias me deixou!  
N'este medonho cahos de meu peito  
O verbo creador tudo aclarou!

Uma phrase tão curta e que trazia  
Um mundo de venturas todo inteiro!

Foi o ceo 'entrevisto n'um relance,  
Foi um sonho acordado e verdadeiro!

A sublime palavra que disseste  
Um poema divino bem traduz!  
Foram versos o modo vergonhoso  
E o corado do rosto que seduz!

Não sei como eu vivera no passado  
Sem ouvir essa phrase, que é a vida!  
Ou como não matou-me a felicidade  
Ouvindo-a por teus labios repetida!

Elles soltaram enfim essa harmonia...  
Abrandou-te o soffrer que eu padeci!...  
Sé bemdita, que eu zombo do passado,  
Do futuro tambem, pois já vivi!

.....

## PLUS ULTRA!

—À ABERTURA DO AMAZONAS.—

Nações do mundo, varias,  
Entrae, sede bem vindas.  
Às plagas amazonicas  
Immensas, ricas, lindas!

Missão audaz e bellica  
Não é que aqui vos traz. . .  
Vindes saudar o Imperio,  
Saudar vindes a paz!

Exalçam-se mil canticos



Das mattas seculares,  
 Endeixas suavissimas  
 Volteiam pelos ares!

Com o vento brincam os rutilos,  
 Bizarros pavilhões,  
 As variadas flammulas  
 De innumeras nações!

Recebe-vos com jubilo  
 O povo brasileiro;  
 Na guerra altivo, indomito,  
 Na paz hospitaleiro!

Bem vindos sejam os hospedes!  
 O rio é franco, entrae!  
 O colossal mysterio  
 Abriu-se, admiraè!

Entrem as naçes amigas! Este dia  
 É consagrado á mais pomposa festa!  
 Com fraternal abraço e alegria  
 O Brazil para vêr-vos já se apresta!  
 Sulquem as agoas do rio, e a artilheria

Acordar faça os echos da floresta!  
 Abre os braços a todas o gigante:  
 Entrac, nações amigas, ide avante!

Comprimenta o estandarte brasileiro  
 O heroico pendão republicano,  
 Que ali entra pujante e altanciro  
 Synbolo do povo norte-americano!  
 Salve, dos irmãos nossos o primeiro,  
 Povo que de si mesmo é soberano!  
 Beija á bandeira a briza, que em verdade,  
 Sopra em terra tambem de liberdade!

Estandarte alteroso, que ao opprimido  
 Tens dado sempre paternal disvello,  
 Brazão de um povo illustre, engrandecido  
 No pleito do trabalho nobre e bello!  
 Bandeira, á cuja sombra o foragido  
 Descança sem temor, sem pezadello,  
 Estandarte bretão, açouta os ares,  
 Salve ainda uma vez, ó rei dos mares!

A liberal bandeira que hoje é uma  
 Em toda a bella terra italiana,  
 Que na patria de Romulo e de Numa

Talvez que dentro em pouco brilhe ufana!  
E aquella que vencendo espessa bruma  
Foi passar inda além da Taprobana,  
Que galharda luziu em Diu e Ormuz,  
Que bandeira já foi de Santa-Cruz,

Salve, salve e passae! Seguiram agora,  
Os navios dos bravos alliados,  
Que comnosco pelejam, que n'esta hora  
Vencedores saúdam seus soldados!  
Que a tyrania iniqua e oppressora  
Derrubarão comnosco denodados!  
Salve, salve os heroes do rio da Prata,  
E a bandeira que levam democrata!

E de ti que direi, tropheu da França,  
Que hasteou a viril revolução?  
Bandeira tricolor, sublime herança,  
A que deu tanto lustre Napoleão!  
Da Liberdade e Gloria alta alliança,  
Salve, salve, guerreiro pavilhão,  
Arvorado ao troar da marselheza,  
Orgulho e honra da nação franceza!

Entrem as velas da terra veneranda

Onde o Cid nasceu, nasceu Pelaio,  
Hoje... terra infeliz e miseranda,  
Sol já quazi apagado, n'um desmaio!  
Lá vem o pavilhão da forte Hollanda,  
Que contra nós vibrou da guerra o raio,  
Mas que amiga n'esta hora estende a mão,  
Aos herdeiros de Vieira e Camarão!

Mais o Chile e o Perú, nações briosas  
Na defesa da santa independencia,  
Que não curvam as bandeiras orgulhosas  
Às plantas da arrogante prepotencia!  
Salve ambas, e as naves numerosas  
Que desfilando vêm, em continencia;  
Córtem as aguas do rio, elle festeja  
Essa armada de paz, bem vinda seja!

Entraram todos. Avidos  
Fitaram o panorama,  
E viram quazi em extaze  
Que não mentira a fama!

Então os labios tremulos  
De todos que ali são  
Soltaram um canto harmonico

N'aquella solidão:

«Gloria ao brazileo Imperio,  
«Á terra do Cruzeiro!  
«É do progresso apostolo  
«Fiel e verdadeiro!

«No amplexo patriotico,  
«Que dás-nos liberal,  
«Nós vemos o prenuncio  
«Da paz universal!

«E já que magnanimo,  
«Rompendo as densas trevas,  
«Ao mais fundo e recondito  
«Do seio teo nos levas,

«Pelo concurso unanime  
«Das mais cultas nações,  
«Sóbe da gloria ao pincaro,  
«Espanta as gerações!

«As gemmas os carbunculos,

«Que rolam sem repouzo  
«Nas agoas oceanicas  
«Do rio magestoso,

«Convertam-se em pyramides,  
«Em cazas de labor,  
«Escolas, tendas, fabricas,  
«E templos do Senhor!

«Reflectam as agoas tumidas,  
«Na sua immensidade,  
«Os vultos magnificos  
«De mais de uma cidade!

«Em vez da agreste abobada,  
«Do florido estendal,  
«Contemplem-se os prodigios  
«Do braço industrial!

«As artes e o commercio  
«Visitem estes lugares,  
«E fique o rio um emulo  
«Dos mais soberbos mares!

«O cantico prophético,  
«Que aqui soltamos nós,  
«Hade chegar ao empyreo,  
«Sincera é nossa voz!

«O dia de hoje fulgido  
«É data memoravel;  
«Penhor seja perpetuo  
«Da paz a mais estavel!

«E venha após a Historia,  
«Gravar com o seu buril  
«A mais brilhante pagina  
«Das glorias do Brazil.

# TERCEIRA PARTE.



(HUMORISTICAS.)





## MEIO ROMANCE

(1866.)

Está cumprido o teu agouro,  
Faltei a palavra dada!  
Eis-me ás voltas co'um namoro...  
Não me faltava mais nada!

Eu, que vim tão escoteiro.  
Com diminuta bagagem;  
De pedra e cal resolvido  
Á apressar a romagem  
E não ser acomettido,  
Ou de amor serio ou ligeiro,  
N'este Rio de Janeiro!

Transtornou-se o que eu queria  
 Por diabolica embuscada . . . .  
 Mas que moça! que thesouro!  
 Creio até haver magia  
 N'aquelle cabello de ouro,  
 N'aquelle tez desmaiada!  
 Eis-me as voltas co'um namoro . . . .  
 Não me faltava mais nada!

Eu, o stoico, assim cahido  
 Em completa pasmaccira!  
 Fui na tarrafa colhido,  
 Fui na gaiola mettido  
 Pela seguinte maneira:

Tinha deixado o meu voto  
 No Jury da Exposição,  
 Vinha andando o meu caminho  
 Quando me esbarram, e então noto,  
 Que caminhava visinho  
 De umas rendas e um balão!

Mas, por mal de meus peccados,  
 A minha formosa caça  
 Vinha com um par de embrechados.

Que servião de couraça  
Ao airoso bergantim,  
Que singrava ao pé de mim!

—Pae e mãe—disse eu comigo,  
E zanguiei-me com a familia,  
Pois é couza de quizilia,  
Mesmo tem algum perigo,  
Encontrar, sem mais nem menos.  
Com Cerberos, uma Venus!

A moçoila ia na frente,  
Os dous velhos mais atraz,  
Eu, que estava no *parque*,  
Mão grado da rua o accio,  
Fui-me pôr ineoninente.  
Mesmo lá da rua em meio,  
Pois sou galante rapaz!

Posto ao largo, de franquia  
Dei de olhos para a esquelha,  
Puz com graça e cortezia  
Sobre a menina a luneta:  
Cada vidro era uma setta  
Vibrada com gallardia...

Pae e mãe, gentiulha insossa,  
 Mostrava, pobre parelha,  
 Muitos ciumes da moça!

Ella, que olhos formosos!  
 Azues, langues e quebrados. . . .  
 Cabellos louros, sedosos,  
 Fulgentes e cacheados.  
 Da bocca meiga e divina  
 O vivo coral desmaia  
 Do coral a rubra cor!  
 E na face perigrina,  
 Branca e fina, de cambraia,  
 Brilha do lyrio o pallor. . . .

Isto é retrato? . . . duvido!  
 Ninguem o póde pintár;  
 Mesmo ao Pácheço eu convido  
 Para o vir photographar!  
 Elle, o sol e os reagentes  
 Ficam tolos e silentes!

Que talhe esbelto! . . que graça!  
 Que donaire no andar!  
 É uma deuzza que passa.

É sylpho cortando o ar!  
Traja singello vestido,  
Sem enfeites deslumbrantes.  
Sem uma joia, uma flor;  
Se ella é jardim florido,  
Cofre rico de diamantes,  
Per'la de immenso valor!

É estrangeira; a belleza  
Mostra um typo que fascina.  
É uma gentil ingleza  
A delicada menina!  
Que frescura! Só quinze annos,  
Nem mais um, aposto e juro,  
A mocidade ali está!  
Nunca a rua dos Ciganos  
Viu um homem em mais apuro,  
E mulher mais singular!

Curvo a cabeça contricto  
Ante a rainha dos mares!  
E, apesar dos pezares,  
Dou um *bravo* à Albion!  
Isto sim, é bem bonito,  
Caspité, que isto é bem bom!

Segui o grupo. A inglezinha  
 Me levava atraz de si,  
 Era inutil força-minha,  
 Eu ia á reboque ali . . . .  
 —Heide saber onde mora,  
 Acompanhando-a com geito,  
 Até junto do seu lar!—  
 E o coração no meu peito,  
 Abrasado sem demora,  
 Começou á palpar!

Já na praça do Rocio  
 Eu ia pouzando o pé,  
 Quando escuto um forte *psio*,  
 E a voz do amigo José,  
 Que saltou como uma bomba  
 De dentro da maxambomba!

Fiz que não via e prosigo  
 C'o ouvidos de mercador;  
 Mas qu'mimigo é um amigo  
 Quando se faz massador!  
 Debalde apressei o passo,  
 Á não perder do encaço  
 Aquelles que adiante vão;  
 Elle tem pernas maiores,

E, máu grado os meus suores,  
Fui emfim colhido á mão!

Fala-me o homem com pauza,  
Eu lhe digo estar com pressa,  
Mas elle zomba da cauza,  
E se demora. . . . que horror!  
N'isto passa uma cateça,  
Paes e filha—o meu amor—  
Entram. . . . e tudo é consumado!  
Não sei mesmo como o conte,  
Fiquei de bronze esticado,  
Como uma estatua defronte  
Da estatua do Imperador!

O que queria comigo  
O meu importuno amigo,  
Que veio atrazar-me assim?  
Banalidades sómente,  
Palestras de impertinente  
Sem ter principio nem fim!

—Não te vejo ha quinze dias!  
—Que calor esta semana!  
—Não sabes? chegou o Juca.



—E mais a formosa mana!  
 —Hontem estive com suas tias  
 —De passeio na Tijuca!  
 —Já viste a *Filha do ar*?  
 —Tens gostado do Alcazar?

—Não ha Aimée como aquella!  
 —É pura essencia de fogo!  
 —A Lovato como é bella,  
 —Como nos torna pateta!  
 —O cancan é o Deus do seculo,  
 —E Offenbach o sen propheta!

—Enmudeceste n'um instante?!  
 —Falo eu só! anda d'ahi...  
 Deu-me o braço, e para diante  
 Com o companheiro segui.

Passei um dia horroroso,  
 E a noute muito peor!  
 Sem ter na cama repouzo,  
 Só em vigilia de amor!

Outro dia foi passado,

Mais um outro espedaçado  
 Sem uma nova indiscreta,  
 Nem mesmo ligeiro aceno  
 Filho do acazo sequer!  
 Corpo é alma de poeta  
 Puz em busca da mirage;  
 Procurador de Bocage,  
 Cobra, que perdeu o veneno.  
 Não fica mais irrequieta  
 Do que eu por tal mulher!

Pensando nas graças suas,  
 Hontem perdi-me nas ruas...  
 Fatalidade ou talvez  
 Providencia bemfazeja  
 Fez-me entrar co'uns passejantes  
 Na caza, que chamam igreja  
 Do culto dos protestantes.  
 No templo do povo inglez!

Entrei á tôa no templo  
 E os assistentes contemplo:  
 Ceos! que vejo um pouco alem!  
 É ella... a formosa fada!...  
 Me aproximo da bancada,  
 Tomo um assento tambem.

Vou aturar grande esfrega  
Aqui sentado no banco . . . .  
Mas, que importa? ella me enxerga,  
E eu vejo seu rosto branco!  
Defronte de mim, nas mezas,  
Estão uns livros de rezas,  
Conforme o uzo bretão . . . .  
Nos livros santos não toco,  
E prendo os olhos n'um foco  
De celeste irradiação!

É ella que valle o resto?  
Que importa quanto a rodela?  
O orgão que cadenceia  
Um psalmo chato e indigesto?  
Que importam velhos e velhas,  
Caras rubrãs e vermelhas,  
Que têm na Biblia a attenção?  
Que importam as vozes do padre,  
E que esse rito não quadre  
Com o meu uzo e devoção?

Ella ali está, e isso basta  
É ella a minha Madona . . . .  
Onde mais bella e mais casta,  
Onde candura maior?

Foi o ceo que aqui mandou-me!  
Encontrei-a finalmente!  
Ella é divino presente,  
Que eu recebo do Senhor!

Faço modos de ser visto  
Pela angelica, devota;  
Ella não vê-me, eu insisto,  
Nada, nada. . . não me nota!  
Se no meu banco eu me mexo,  
Um vizinho sólta o queixo,  
Abre a bocca e fica a olhar. . . .  
Tusso, escarro, os pés arrasto,  
Os livros da meza afasto,  
Que rumor no meu lugar!

Consigno apenas máus gestos  
Dos que se acham á meu lado;  
Mas d'ella os olhos modestos  
Não deixam o livro dourado!  
Quanta attenção na leitura,  
Que oração santa e pura  
Não murmurão os labios seus?!  
Nada a distrahe n'este mundo.  
É um colloquio profundo  
Entre a virgem e entre Deus!

Do nosso é diverso em tude  
 O templo do povo inglez; -  
 Quem aqui entra é sisudo  
 Da cabeça até os pés. . . .  
 As moças,—que ja são serias—,  
 Ficam mais serias e graves;  
 Não dizem os moços pilherias,  
 Não se faz a menor bulha,  
 Não se conta uma só pulha. . . .  
 Ai, quanto destoa isto  
 Daquillo que nós fazemos  
 No templo do nosso Christo!

Lá a couza é beni diversa:  
 Mesmo ao compasso da misca,  
 A moçoila que enfeitica  
 Pisca um olho em amor immersa. . . .  
 E até palavras bonitas  
 Bem á vontade são ditas,  
 N'um cantinho, muito á sós. . . .  
 O sussurro é permittido,  
 Das rizadas o ruido  
 Encobre do pádre a voz!

Mas não creiam que eu approvo  
 A seriedade d'aqui. . . .

Ao contrario: o rito novo  
 Traz embaraços a mi. . . .  
 Se não fosse o tal costume,  
 D'aquelles olhos o lume  
 Me haviam de illuminar,  
 Ao passo que estou no escuro,  
 Enquanto massado aturo  
 Este spleenico rezar!

Enfin, está tudo silente.  
 Orgão, padre, toda a gente  
 Deram com o *basta* e o *amen*;  
 Eu, que tomo a dianteira, t  
 Vou da porta na soleira  
 Esperal-a . . . eil-a que vem!

Viu-me afinal! Leve tuinta  
 Poz-lhe o rostinho vermelho. . . .  
 Aturdido, sem que o sinta,  
 Quaze que dóbro o joelho!  
 Os paes, que a vinham seguindo,  
 Cou a bella se foram indo  
 Até jnto de um *coupé*;  
 Ella, ao entrar na carruagem,  
 Deixou ver, sob a ronpagem,  
 Um pé. . . que mimoso pé!

O carro partiu. N'um tilbury  
Eu me atirei açodado:  
—Siga este carro depressa,  
Disse ao cocheiro espantado,  
Hei-de saber onde mora  
A fada que me enamora,  
D'esta vez hei-de saber!—  
Corriam ambos os carros,  
Amassando os mesmos barros.  
Ambos no mesmo correr!

Andamos por Séca e Méca,  
Paramos juntos... —Eureka!  
Sei quanto basta... é aqui!—  
Já vejo o leitor que assoma,  
—Onde a tal caza?—pergunta:  
«Quem tem bocca vae á Roma;  
«Eu só trabalho para mi....»

## O ALCAZAR.

(1866.)

De tudo quanto o Rio de Janeiro  
Em si hoje contém,  
Aquillo de que elle mais se ufana,  
E que conta em primeiro,  
É o theatro ou harem  
Da rua hoje chamada—Uruguayana—

En applaudo e festejo  
Esse famoso e fulgido lugar!  
Não ouço, cheiro, provo, apalpo e vejo  
Couza como o Alcazar!



Entendo que esta còrte é grande còrte,  
 Que ella sabe o que faz!  
 Por ser filho do mato,  
 Camponio lá do norte  
 Não é que hei-de fazer o desacato  
 De desdenhar d'aquillo!  
 Eu sou d'isso incapaz,  
 Fique o Rio tranquillo!  
 Embora eu seja um rude montanhez,  
 Sei o adagio e... na còrte sou cortez.

Muita gente d'aqui e não da roça,  
 Gente da casca grossa,  
 Julga ser precipicio o Alcazar....  
 E foge do perigo,  
 Dizendo lá comsigo:  
 «Cheira muito a festim de Balthazar!»

Que gente lorpa é essa!  
 Moralistas, que prégão contra o bon!...  
 Trasem ouca a cabeça,  
 E o gosto perdido do bom-ton!

Abaixo a velha uzança,  
 E os costumes do tempo do rei velho!

Á mocidade sirva hoje de espelho  
     A França... e viva a França!  
 Ella é a mãe da muzica e da dança,  
     Que hoje nos esquentá,  
 Dança feita com mólho de pimenta!

A pimenta! a pimenta! a grande planta,  
     O adubo predilecto  
     Do momento actual!  
 Elle hoje supplanta o mel do Hymeto  
     E o attico sal,  
 E tudo quanto a muza antiga canta!

E soberbo o theatro alcazarino!  
     Tudo ali é divino,  
 Libretto, partitura e execução!  
 Quem canta quebra a voz com tal meiguice...  
 Quem fala emprega tanta faceirice...  
 Quem dança nunca pouza o pé no chão!

    Que dubias reticencias...  
 Que temerarios moldes de vestido!  
     Que doces imprudencias  
 Do filó, que pretexta estar cobrindo  
     Muito segredo lindo,

Muito mysterio ali mal escondido! . . .

Foi emfim banida a roda  
Das moças na vestimenta!  
Já posso saudar a moda,  
Uma vez, vinte, cinquenta!  
Fui do partido do bardo,  
Do bom Guimarães Bernardo,  
Inimigo do balão . . .  
Hoje findam-se as chaéotas,  
Pois as prezilhas são rotas  
E jaz o traste no chão!

Com o theatro alcazarino  
Veio o novo figurino,  
Anda o corpo quazi nú . . .  
Olhem a diva fascinante!  
Que talhe tão elegante,  
Flexivel como o bambú!

Sente-se a carne que pula  
Nas lindas fôrmas, redondas  
Dos torneados quadris . . .  
Como serpeia e ondula,  
Em magas, revoltas ondas

Seus encantos feminis!

Bravo! isto é excellentel  
 É painel que alimenta a paixão minhua!  
 Eu amo o bello ás claras, bem patente...  
 Fóra a folha de vinha!

Metti de facto a cabeça  
 No tal theatro francez!  
 Não perco nem uma peça,  
 Vou trinta vezes por mez!

Mas, o que eu mais aprecio,  
 É o soirée particular:  
 Foge do templo o povo (que é gentio,  
 Vão familias honestas ao Alcazar!

Pensarão que ha nova obra,  
 Novidades pela scena?  
 Qual! a folia redobra,  
 Diga *Orpheu* e a *Bella Helena*....

Só não 'stão nas galerias,

Nem tão pouco assentadas nas cadeiras  
 Um<sup>a</sup>s *camélias*, que ali fazem feiras,  
 E andam em correrias!

No cancan não ha mudança,  
 Sempre a grande barulhada . . .  
 Até mesmo a louca dança  
 Aferventa-se endiabrada!

Sabem as damas do scenario,  
 Que estão ali os maridos,  
 E d'esses mais de um é vario  
 No amor que é propriedade da mulher.  
 Querendo vê-los perdidos.  
 E as espozas mordidas do ciuime,  
 Fazem mais do que é costume,  
 A perna sobe e sobe a quanto der . . .  
 Não ha vexame ali nem cerimonia,  
 Lembram Ninive, lembram Babilonia!

Se a tenra menina loura  
 Morde os beiços, fazendo-se vermelha,  
 A moça cazada estoura,  
 Pois traz a pulga na orelha . . .

Quanto marido não chucha,  
 Ao compasso da cachucha,  
 Um tremendo beliscão!  
 Em paga da floritura,  
 Da cantante brilhatura,  
 Quanta praga e maldição!

É sublime, é divino  
 Este Alcazar de tão egípcia fama!  
 O meu estro mofo  
 Quizera bem traçar-lhe um epygramma,  
 Mas, vendo que incommoda,  
 Os que sabem prezar  
 O theatro da moda,  
 Contém-se a pobre muza camponeza.  
 E repete com os mais: Viva o Alcazar!



## AO ACAZO.

(1866.)

No wagon de Ave-Maria  
Eu vinha de Andarahy.  
Era pouca a companhia  
Que estava comigo ali:  
No banco que eu escolhera  
Feia velha se mettêra  
E dormitava por fim;  
Mais um velho e um pequeno,  
E um lindo rosto moreno  
Sentados fronteiro a mim.

Eu passara o dia inteiro



Fazendq visita s3ria,  
Em caza de um conselheiro,  
Que n3o disse uma pilheria;  
Conversamos sobre a guerra,  
E a politica da terra,  
A morte de Don Miguel,  
E muitas couzas diversas,  
Bem succulentas conversas  
Mas sem resaibos de mel....

Me achava mui sequioso  
De ouvir um conto amoroso,  
Depois da proza ruim,  
Estava mesmo sitibundo,  
Com tanto artigo de fundo  
Sem sombras de folhetim....

Meus visinhos.... gente stulta!  
S3 a vizinha defronte....  
Palavra! a moça faculta  
Ideas de Anacreonte!

Emquanto, pois, a meu lado  
Cochila a velha dormente,  
Tenho o plano concertado,

E dou combate na frente. . . .  
 Vem com a moça o cappadocio,  
 Que talvez seja parente,  
 E que poz-se d'ella ao pé. . . .  
 É arriscado o brinquedo,  
 Mas, apesar do torpedo,  
 Eu me arrisco na maré. . . .

Não gósto da macieza  
 Que tem o ferro-carril,  
 Prefiro toda a aspereza  
 De um mac-adam toseco e vil.  
 Vae a gondola aos solavancos,  
 Esbarran-se ambos os bancos,  
 Uns sobre outrós lá vão. . . .  
 Não ha firmeza no centro,  
 Todos andam lá por dentro  
 Em continuo trambulhão!

Ajuda bem o cocheiro  
 As aventuras de amor:  
 No collo de um companheiro  
 Vem a vizinha se pôr. . . .  
 Esta murmura uma phrase,  
 Com ligeiro acanhamento,  
 Estreia o conhecimento.

E vae a couza a melhor. . . .

Eu, porem, que son teimoso:  
No meo intento prosigo.  
Pois o rostinho formoso  
Parece bulir comigo. . . .

Espicho um pé. . . . O velhote  
Está remechendo um pacôte;  
Bem! por certo não me vê. . . .  
Tenho esperança que a bella  
Seja sensível, pois ella  
Olha-me ha muito. . . porque?

Eu creio ser verdadeiro  
O proloquio que proclama,  
Que a mulher que nos inflamma  
Sabe do effeito que faz  
Um quarto de hora primeiro  
Do que o homem apaixonado. . . .  
Tal quarto de hora é chamado:  
O quarto de Satanaz!

É por isso que, ora um momo,

Ora uma doce visagem,  
 Mais me afervora a coragem  
 De ter o vedado pomo!  
 Espicho o pé. . . . Ouço um berro,  
 Que toda a estrada de ferro  
 Ouviria como eu ouvi. . . .  
 Recolho o pé sem abalo,  
 Qu'eu tinha pizado um calo  
 Do meu velho vis-à-vis!

Este retorce-se todó  
 E diz á moça zangado:  
 —Não estás com o pé socegado!  
 Porque pizaste-me assim?—  
 A dama não se desculpa,  
 Como seu toma o peccado  
 E pede perdão da culpa,  
 Olhando á furto para mim! . . . .

E esta! A couza caminha!  
 Que formidavel vizinha!  
 Que caridade christian!  
 Não deixo a aventura em meio,  
 Afugente-se o receio,  
 Marchemos com pés de lan. . . .

Espicho o pé, mas agora  
 Por outro lado bordejo. . . .  
 Ceos, o que sinto! o que vejo?  
 Vem seu pé de encontro ao meu!  
 Meia viagem é que eu faço,  
 Porque me ajuda a menina,  
 Já sinto a escassa hotina  
 Sobre o meu pé, que gemeu. . . .

O velho espirra. . . . podéra!  
 Foi-lhe a mostarda ao nariz. . . .  
 Eu digo—*dominus tecum*—.  
 Elle *obrigado* me diz. . . .

Parou o trem: eu me apeio.  
 Fico junto à portinhola,  
 Dou a mão ao mariola,  
 E dou à moça. . . . bom meio!  
 Ella, travessa e alerta.  
 A minha mão toma e aperta  
 Na sua abrazada mão! . . .  
 N'aquelle apertar de dedos  
 Haviam tantos segredos.  
 Qu'eu não me explico mais, não! . . .

—Eu móro em Santa Thereza.

Estou às tardes, com certeza,  
Em caça, e minha mulher;  
Lá, ou no meu armarinho,  
Onde me encontra sósinho,  
Se nos honrar, dá prazer!—

Marido! pois é marido!  
Eu murmurei influido,  
Póde comigo contar! . . . .  
Hei-de fazer a visita  
Quando a costella exquizada  
For no armarinho-folgãr . . . .



## FOGO DE PALHA.

(1866.)

Perdão, eu volto contricto!  
Fiquei curado, estou são. . . .  
Volto a ti, ao antigo rito,  
Já não me illudo mais, não!

Da fama no cecuruto  
Ella andava, era da moda!  
Fui. . . . paguei o meu tributo,  
Tambem fiz-lhe a minha roda!

Que queres? Ella na rua



Era um anjo de Satan!  
 E no Alcazar, quasi nua,  
 Era o genio do cancan!

Subiu-me o sangue á cabeça!  
 Pequei, digo o *mea culpa*...  
 Quem seu peccado confessa,  
 Merece alguma desculpa!

Não sabes? Comedia tudo!  
 A tal nympha do Alcazar,  
 Sem as sedas e o velludo  
 Fica uma nympha vulgar!

Não possue o teu feitiço.  
 Minha formosa Paulista!  
 Nem teus modos, nada d'isso  
 Que tu não tens como artista!...

Bocca de mel, que me abraza.  
 Seio que de outrem não é!  
 Troquei a prata de caza  
 Pelo estrangeiro *plaquét!*...

Comparar pèra, e grozèlle  
Com o gostoso cambucá!..  
Suppor que a *mademoiselle*  
Fosse melhor que a sinhá!..

Levei lição muito boa,  
Volto constricto e com pejo!...  
És generosa, perdoa!  
Sella o perdão dando um beijo!..



NO JARDIM BOTANICO.

(1866)

Vae a noite serena. A lua cheia  
Prateado fulgor na terra còa,  
Farfalha o palmeiral e cadencia  
Uma queixa subtil, que não echoa;

Diz a queixa o seguinte: «Que indecencia!  
«Este sitio tão bello e tão florido,  
«Em vez de ser um Eden de innocencia,  
«É jardim sem um fructo prohibido!

«Choramos de pudor! Os frios pingos

«Que dos olhos vertemos, são pezares  
 «Pelas scenas que todos os domingos  
 «Reproduzem-se aqui n'estes lugares!

«À sombra de tão lindas alamedas  
 «Redivivem as orgias de Saturno,  
 «Este sitio ficou lugar de quédas,  
 «Mesmo ás claras, que horror! com ar diurno!

«Fogem d'aqui as candidas burguezas  
 «Co'os amores gentis, meigos idyllios . . . .  
 «As *camélias* povoam estas devezas,  
 «Fazem as rosas corar, feixando os ciliós!

«Jardim publico! E a torpe conitiva  
 «Vem n'elle celebrar festas insanas!  
 «Só se o nome de *publico* deriva  
 «De ser feudo de algumas publicanas . . . .»

E as palmeiras calaram-se. Na areia  
 O pranto do sereno lento escôa,  
 Vac a noute fulgente, a lua cheia  
 Doura a terra, no ceo correndo á toa . . . .

## RETICENCIAS.

Se tu queres qu'eu me inflame  
Por esses pomos queridos,  
Cobre-te mais de vexame.  
Cobre-os mais co'esses tecidos.

Teus bellos seios nevados  
Mereceriam mais cultos,  
Se fossem mais recatados,  
Se vivessem mais occultos.

Eu só deliro e me abraço  
Se os vejo através de um veu,  
Ou então por mero acaso,

Ou por arte e esforço meu . . .

Mas; se eu noto que a thesoura  
Corta o vestido dê mais,  
Que a linda dona não cõra  
Mostrando segredos taes,

Que o decote ã calculado,  
Que ha n'isso esmerado estudo,  
Que sem medo, de bom grado  
Aos olhos se mostra tudo,

Seja embora o quadro bello  
Eu não me abraço, não ardo;  
Fico frio, fico gèlo!  
Quero mysterio e resguardo!

Seja eu quem offegante,  
Procure a vista formosa. . . .  
Quando pilhado em flagrante,  
Quero te ver vergõhosa. . . .

Que o mysterio da belleza

Falla mais em seu abono.  
Que esses ares de afouteza,  
Que o desgarrro e o abandono.

Se queres que eu perca o sizo,  
Vendo tanta perfeição,  
Nada faças, não é preciso  
Que tenhas outra intenção.

Deixa isso á meu cuidado,  
Tem consciencia que és bella;  
Guarda o modo reservado,  
Seja em ti tudo cautella.

Occulta a belleza tua,  
Ou mostra-a com timidez,  
Que o vexame de estar nua  
É o encanto da nudez.





## INCREDULIDADE.

(1866.)

Basta, primo, isso é loucura  
Pelas pernas da Aimée!  
Será d'ella, por ventura,  
Quanto ali do palco vê?

Gaba tanto e louco fica  
Pelos seios da Debarr,  
Póde crer-se no que indica  
Um vestido do Alcazar?

Anda ali muita esperteza

Ornando as roupas internas,  
Que dão aos seios dureza,  
E fazem roliças pernas....

Eu sei mais de um seio branco,  
Rijo e bello que se occulta,  
Que não póde expôr-se franco,  
Que muitas rendas sepulta....

Sei de pernas feiçoas,  
Todas de carne, não falsas,  
Mas que vivem prisioneiras,  
Sob anagoas n'umas calças....

Tenha calma, primo Juca,  
Pois muito lhe abrasa a febre;  
Não metta mão na combuca,  
Não compre gato por lebre....

«Priminha, tudo é verdade,  
«Quanto eu digo, certo é,  
«Pois eu pertença á irmandade  
«Do apostolo S. Thomé....»

## ECLECTISMO....

Era 'um soberbo congresso  
No valle de Josaphat;  
N'elle tinha franco ingresso  
O Romantismo tão gasto,  
E o Realismo tão vasto,  
Formando o todo um *sabbat!*

Ao lado da Ignez de Castro  
Estava Armando Duval;  
No fundo, em fórma de lastro,  
Os Sete Infantes de Lara,  
Que não faziam má cara  
Ao *Demi-Monde* immoral!

Na frente os Dous Renegados,  
 E o Mascara Negra de pé;  
 Pedro Cem e os Naufragados,  
 E o Fayel, que o pranto move,  
 Mais na sombra o Vinte-Nove  
 Dando o braço á Desgenais!

Das Cem Donzellas a tropa,  
 Mais o Captivo de Fez;  
 O Irmão das Almas sem opa,  
 Juan de Marana e Dalila;  
 Manoel Mendes, serrafile  
 Da Dama de Sam-Tropez!

Finalmente muito povo,  
 Gente de capa e calção;  
 E mais o espectaculo novo  
 Dê formarem cantilenas  
 Camelias e Magdalenas,  
 Cõ'esbirros da Inquisição!

Ignez de Castro dizia:  
 «Quão vagarosas que são  
 «Estas horas de agonias! . . .  
 «Ai, si eu morta sou rainha.

«Passo una vida mesquinha  
«N'esta cruel inacção!

«Fóra do palco, expellida  
«Pelo máu gosto... aqui estou!  
«Sombra implacavel! banida,  
«Sem ter c'róa, sem ter sceptro...  
«Oh Ceos! Pavoroso espectro!  
«Nova moda me matou!

«Acharam fortes e duros  
«Os berros da pobre Iñez!  
«Subterraneos escuros,  
«Panellas de sarrabulho,  
«Do Santo-Officio o barulho.  
«Tudo proscripta me fez!»

E, tomando um tom mais brando.  
Ao seu vizinho ella diz:  
«Foram os teus, francelho Armando.  
«Que me deram tal degredo! . .  
«Baniram o drama de enredo.  
«Por ti, heroe infeliz!

«Infeliz, que tambem hoje

«Expulso com os teus estàs!  
 «Porquanto o publico fôge  
 «Do drama que causa somno. . . .  
 «Se derrubaste o meu throno,  
 «O ten foi breve e fallaz!

«Se o Romantismo se adorna  
 «De farrambambas sem par,  
 «O Realismo agna-morna,  
 «Nenhuma poesia encerra,  
 «Porque anda terra—á—terra,  
 «Como nós não sóbe ao ar!

«Se nós tomamos por centro  
 «O *coimbrão* ideal,  
 «Couzas de portas á dentro  
 «Vós outros fizestes vossas,  
 «Formando comedias grossas  
 «Sobre um peccado mortal!

«E o resultado da escola  
 «É esse que coube a nós!  
 «Ambos pedimos esmola.  
 «Fazendo o diabo á quatro,  
 «E não temos um theatro,

«Aqui penamos a sós!

«Maldiçã<sup>o</sup> sobre a tal moda!  
«Sobre todos maldiçã<sup>o</sup>! . . . »  
E o grito echoou em roda,  
Toda turba abriu guellas!  
Perderam-se as aduellas  
Na medonha confuzão!

Depois seguiu-se uma orgia,  
Como segunda não ha;  
Já vinha raiando o dia  
Quando findou o congresso,  
D'aquelle povo possesso  
No valle de Josaphat!





## VIRGENS!

(PARAPHRASE.)

Não! eu virgem não chamo essa menina,  
Que sonsa, mas ladina,  
Faz presente ao priminho de uma trança  
De seus lindos cabellos! Bem assim  
Pósso tal nome dar a esta, que cança  
De conversar baixinho e disfarçando  
Com o trefego estudante, que rondando  
Se vê lá no jardim? . . .

Virgem! Chamarei virgem esta faceira,  
Que, mal batem na escada,  
E sobe uma visita,

Seu primeiro cuidado é ir ligeira  
 Mirar-se requebrada  
 E, no espelho, fazer-se mais bonita?

Esta, para agradar a um tal sujeito,  
 Que a segue sem cessar,  
 Nos vestidos e enfeites sabe achar  
 Defeito e mais defeito. . . .  
 E, depois de mil artes que fabrica,  
 Se touca, se arrebica,  
 Vae ao baile dansar com o maganão,  
 Que, ao compasso da bella contradança,  
 Supplica e emfim alcança,  
 Apertar a mimosa e linda mão!

Virgem! Pois não? Tambem diz ser aquella,  
 Que langorosa e terna  
 Cruza a sala, á correr!  
 Com disfarce suspende um' pouco as saias,  
 E deixa a linda perna  
 Ser vista por alguém, que, ha muito, anhela  
 Tão bello quadro ver!

Tambem são virgens essas  
 Que gostosas escutam, á dar risadas

Uns ais e umas promessas  
 De audacias repassadas...  
 Aquell'outra uma flôr, ha pouco, tinha  
 Mettida no vestido, junto ao seio,  
 Mas, n'um subtil meneio,  
 Tiraram-n'a do seio encantador....  
 Ella pediu a flor ao cavalheiro,  
 Que recusou bregeiro  
 E lá se foi a flor....

Nos jogos *innocentes*

—As palavras são hoje diferentes!—  
 Jogos, que de mil danos são origens,  
 É bello ver as faes, chamadas virgens,  
 Aos abraços, aos beijos!  
 São couzas innocentes,  
 Porquanto estão presentes  
 Tanto a mãe, como o pae....  
 Na face brinca o beijo, que escorrega  
 Para os labios e cahe....

Esta recebe uns versos delirantes,  
 Abaixa a vista langue,  
 E está de veia em veia  
 Á galopar-lhe o sangue....  
 Em paga d'esses versos, que, vertigem

Produzira tão grande, a meiga virgem  
 Dá protestos em prosa, uma cartinha,  
 E, se mais não deu ella, mais não tinha!

Chamar de *virgens* essas?  
 Ou nada entendo d'isto,  
 Ou as consas estão muito ás avessas. . . .  
 Sejam as meninas taes: *nymphas, estrellas,*  
*Flores, anjos* até, mas *virgens* ellas,  
 Não chamo, está bem visto!

O que resta da tunica nevada,  
 Que mysterio de amor falta ensinar  
 Á tão puras vestaes?  
 Ah! porque foi a moça bem guardada,  
 Por falta de dextreza, ou de lugar;  
 Ou porque, ignorante, esse rapaz,  
 Recebendo, não soube pedir mais. . . .  
 Pois só por esse acaso.  
 Vigilancia de mãe, e mero atrazo  
 Do calouro galan,  
 É isso que é uma virgem? Quem diria  
 Que tal nome assim fosse traduzido!  
 Vem um noivado ás pressas,  
 Um veo de blonde dão-lhe um certo dia,  
 Ella recebe, rubra qual romã,

A grinalda de noiva e o vestido,  
De olhos baixos repete mil promessas  
Aó papalvo... que passa a ser marido!  
.....  
São virgens! que illusões! que virgens essas!



# INDICE



## PRIMEIRA PARTE.

(TRADUÇÕES.)

	PAG.
A luva ( <i>Schiller</i> ) . . . . .	7
Variações em branco ( <i>Th. Gautier</i> ) . . . . .	9
Eu não era nada . . . . . ( <i>Saint-Germain</i> )	15
Devaneio ( <i>Saint-Germain</i> ) . . . . .	19
O Crucifixo ( <i>Lamartine</i> ) . . . . .	23
A casa branca ( <i>Saint-Germain</i> ) . . . . .	29
Namouna ( <i>A. de Musset</i> ) . . . . .	33
Domingo de manhã ( <i>H. Murger</i> ) . . . . .	41
Entre as arvores ( <i>Saint-Germain</i> ) . . . . .	45
O despertar (.i. <i>de Musset</i> ) . . . . .	49

## SEGUNDA PARTE.

(ORIGINAES.)

A * * * * * — I . . . . .	55
II . . . . .	57
III . . . . .	59
IV . . . . .	61
V . . . . .	65
VI . . . . .	67
VII . . . . .	69
VIII . . . . .	71
IX . . . . .	73
X . . . . .	75
XI . . . . .	77
XII . . . . .	81
XIII . . . . .	83
XIV . . . . .	85
XV . . . . .	89
Plus ultra! (À abertura do Amazonas) . . . . .	91

## TERCEIRA PARTE.

(HUMORISTICAS.)

Meio romance . . . . .	101
O Aleazar . . . . .	115
Ao acaso . . . . .	123
Fogo de palha . . . . .	131
No Jardim Botânico . . . . .	135
Reticencias . . . . .	137
Incredulidade . . . . .	141
Eclectismo . . . . .	143
Virgens! (paraphrase) . . . . .	149











## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).